

Trabalhos Científicos

Título: Perfil Epidemiológico De Casos De Intoxicação Exógena Em Crianças E Adolescentes No Rio Grande Do Norte No Período Entre 2013 E 2022

Autores: PAULA YNDIHANARA MONTEIRO ANDRADE (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE), LEONARDO MOURA FERREIRA DE SOUZA (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE)

Resumo: A intoxicação exógena pode ser definida como um processo patológico em substâncias promovem reações químicas capazes de alterar a homeostase do corpo, estando suas consequências relacionados ao tipo de agente, sua concentração e o tempo de exposição. Descrever as características clínico epidemiológicas das intoxicações exógenas em crianças e adolescentes no Rio Grande do Norte entre 2013 e 2022. Estudo de corte transversal, utilizando dados secundários do Sistema de Informação de Agravos de Notificação do Ministério da Saúde. As variáveis analisadas foram: faixa etária, sexo, agente tóxico, circunstância, tipo de exposição, classificação final, critério de confirmação e evolução. Os dados foram tabulados e analisados no software Excel. Por ser um banco de dados de domínio público, o trabalho respeita as normas de resolução do Conselho Nacional de Saúde no 466/2012. Nesse período foram notificados 7.326 casos de intoxicação exógenas em crianças e adolescentes de 0 a 19 anos, sendo 36,84% na faixa etária entre 15 a 19 anos e 26,79% entre 1 a 4 anos. 52,18% são do sexo feminino. Os principais agentes responsáveis pelas intoxicações foram: medicações (34,33%), alimentos (14,22%) e drogas de abuso (5,96%), porém em 29,04% das notificações essa informação foi ignorada. Entre as circunstâncias se destacaram a ingesta acidental (19,37%) e tentativa de suicídio (17,40%). 43,32% aconteceram de forma aguda e única. Em relação a classificação final, 42,89% foram intoxicações confirmadas, 11,36% só exposição e 8,31% reação adversa. Utilizou-se como critério de confirmação, somente dados clínicos em 54,04% dos casos, clínicos-epidemiológicos em 15,12% e clínicos-laboratoriais em 1,66%. 47,46% dos pacientes evoluíram com cura sem sequelas, 3,75% com sequelas e 0,27% óbito. Esse trabalho corrobora outros estudos realizados no Brasil em que mantém as medicações como o maior agente causador e as principais circunstâncias serem acidentais e tentativas de suicídio. Definir esse perfil epidemiológico é essencial para o planejamento de medidas capazes de proteger, educar e intervir tanto nos pacientes como em seus cuidadores para diminuir o número de casos, que vem crescendo ao longo dos anos. Outro problema encontrado é o número de dados ignorados ao preencher a notificação, fato que pode intervir nos resultados. Devido a isso, é imprescindível incentivar aos profissionais de saúde tanto da assistência como da vigilância, a melhorar a base de dados, para assim construir políticas públicas cada vez mais específicas a população necessitada.